

## O que Aprendi com Meus Avós

Joyce E. Varney

**Q**UANDO OS avós entram na sala, a disciplina sai pela janela, diz um velho provérbio chinês. Creio que isto é verdade. Meus avós mimaram-me, não resta dúvida, mas eu me dou por satisfeita com isso. Foram os mimos mais fabulosos que uma criança já teve.

Começou quando eu ainda era criança de colo. Papai foi morto em um acidente na galeria de uma mina dois meses antes do meu nascimento. Pouco depois de minha chegada,

---

*A memorável história de uma infância no País de Gales e de duas criaturas maravilhosas; eram pobres, sem instrução—mas quanta riqueza de amor e compreensão*

---

mamãe partiu para a grande cidade de Cardiff, deixando-me com os meus avós.

A casa dêles era igual às outras do nosso vale—feita de pedra de fundo de rio, de côr cinzenta, fantasmagórica, e tinha a soleira caiada. Mas



sob um aspecto a nossa casa era diferente: morávamos ao lado de uma capela de teto de zinco e isto era como viver junto de um ninho de pássaros. Havia sempre cantoria e vovô costumava dizer:

—Vocês estão ouvindo? É esta a música de Gales.

Nunca me ensinaram a ser realista quanto às condições do nosso vale de mineração. Naquela época Gales do Sul era conhecida como “a região da miséria”. As minas estavam paradas, as engrenagens do poço não funcionavam. Em toda a parte viam-se os indícios da miséria—as filas para receber auxílio de desemprego, cozinhas para distribuição de sopa, e as criancinhas, como sói acontecer com frágeis pardais, bicavam nos montes de refugio à procura de carvão.

Acredito que, se meus avós me houvessem educado direito, eu deveria estar plena de apaixonada fúria contra tais condições sociais; em vez disso, quando recordo os montes de refugio, lembro-me do dia em que enchi com êle a minha minúscula sacola. E como vovó achou graça quando me viu preta como um morcego, igual a um mineiro qualquer. E tenho a impressão de ouvir ainda vovô dizendo:

—*Psiiu*, Tydvil, que é isso?

E depois voltar-se para mim e dizer:

—Não se incomode, minha mineirinha. Eu vou ensinar você a apañhar carvão.

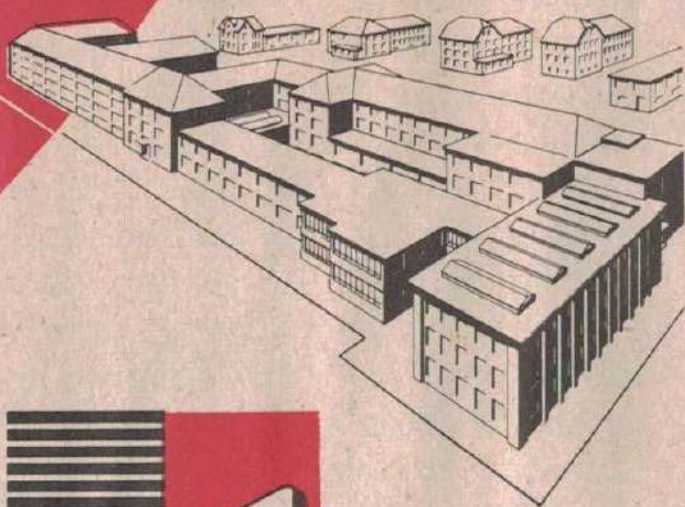
Só depois de muito mais velha é

que compreendi que éramos pobres. Ou talvez fôsse melhor dizer que tínhamos pouco dinheiro. Eu pensava que éramos ricos. Havia sempre a capela e bastante canto e riso. Eu nunca sentia fome, principalmente depois de comer o caldo que vovó fazia, temperado com alho-porro e um gostinho longe de cravo e salsa silvestre. Não faltavam também os sonhos, bonitos sonhos amorfos que enchiam o meu ser como uma vaga e inesquecível música.

Suponho que era mau para mim, mas nunca me obrigaram a ir dormir. Eu ia para a cama quando meus avós se recolhiam. Subíamos juntos aquelas escadas, vovó na frente, eu no meio e vovô atrás de mim. Os quartos daquela pequena casa não tinham aquecimento, com exceção da cozinha, mas eu nunca sentia frio. Havia sempre em minha cama, nas noites de inverno, um tijolo quente, enrolado numa velha anágua de flanela vermelha. E eu sempre tinha uma vela no meu quarto, porque não gostava do escuro. Lembro-me do cheiro dessas velas que meu avô fazia; o cheiro quente de urzes e mel. Meus avós ficavam comigo até que eu me sentisse em segurança no meu quarto, mas nunca ouviam as minhas orações. Vovô dizia que essas eram conversas particulares entre mim e Deus.

Nunca me ensinaram a ser grata a ninguém, exceto a Deus. Eu aceitava meus avós como uma planta aceita o sol. Vovó era pequenina e ligeira e movimentava-se às pressas





**Desta grande fábrica suíça  
provêm os famosos  
relógios ORIS.**

pela casa, polindo interminavelmente o chumbo prêto da grade da lareira, ou encerando os soalhos com cêra de abelhas. Estava sempre cosendo, ou remendando nossas roupas. Era também uma sapateira talentosa, de modo que os nossos sapatos tinham sempre meias solas e saltos novos.

Vovó era criatura suave, que nunca fechava a porta a um mendigo. Tinha uns protegidos estranhos. Um dêles era um camundongo castanho, que vivia debaixo de uma tábua sôlta na cozinha. Vovô não concordava em absoluto com aquilo, mas tôdas as noites vovó punha migalhas no chão, e às oito horas em ponto lá vinha o camundongo para jantar. Um dia, o gato amarelo do vizinho o pegou. Foi muito triste aquela noite na cozinha.

—Êle estava condenado—disse vovó, com a cabeça baixa, e vovô disse com doçura:

—A natureza é assim, Tydvil.

Vovô era um homem grande, com meigos olhos azuis e uma barba branca feroz. Era meu amigo e meu confidente. Contava-me histórias do tempo em que havia homens selvagens no País de Gales—selvagens que corriam pelas matas com azevinho nos cabelos. Falava-me nos sacerdotes druidas, que usavam faca de ouro para cortar o visco sagrado, e nos duendes e fadas que viviam em árvores e cavernas. Às vêzes êle cantava, e sua voz ecoava pelas matas. Era um bom tenor e conquistara muitas taças na juventude. Vo-



vô só tinha uma ranzinze: dizia que não devia haver falatório na igreja, só canto. O falatório devia ficar por conta do Deus Todo-Poderoso.

Meus avós não haviam frequentado a escola, mas tinham aprendido a ler por conta própria. Ensinaram-me a ler a Bíblia. Tôdas as noites, depois do jantar, vovó tirava o grande livro negro e vovô dizia:

—Que vai ser hoje?

—O *Livro de Ruth*—respondia vovó, porque era o seu preferido.

Mas eu sempre queria a escada de Jacó, ou Moisés entre os juncos. Essas histórias da Bíblia me fascinavam, mas à medida que fui ficando mais velha meus interesses literários mudaram. Arranjei com a Sr.<sup>a</sup> Dai Thomas, que morava em frente, exemplares de uma revista de sensacionalismo barato, chamada *Cartas Vermelhas*. Certo dia vovô encontrou um desses exemplares e seus olhos se arregalaram quando leu a história de uma môça que escolhera uma vida imoral. Mas não me proibiu de lê-las. Em vez disso, teve uma conversa com vovó em galês. Os dois sempre falavam galês quando não queriam que eu entendesse, mas eu compreendia melhor do que eles imaginavam.

—Ela precisa de bons livros que sejam dela mesma—dizia êle.

—Ela tem a Bíblia—protestou vovó.—Livros custam dinheiro.

No dia seguinte, porém, deram-me seis pence e disseram-me que íamos ao sebo de Six Bells. Havia

## Comprimidos Phillips cortam a indisposição do estômago na hora



Com os práticos COMPRIMIDOS PHILLIPS você não tem que esperar! Não precisa copo nem água — basta deixá-los dissolver na bôca... e pronto! De extraordinário poder antiácido, neutralizam rapidamente o excesso de acidez e cortam prontamente o mal-estar estomacal. E com o seu delicioso sabor de hortelã, os COMPRIMIDOS PHILLIPS refrescam e purificam o halito



Tenha sempre a mão

**COMPRIMIDOS**  
DE LEITE DE MAGNÉSIA DE  
**PHILLIPS**



uma liquidação—havia sempre liquidações naquela época—e vovô e eu passamos três horas na livraria. Finalmente, eu tive os meus próprios livros: *Alice no País das Maravilhas*, *David Copperfield* e *Mulherzinhas*. Líamos trechos de um deles tôdas as noites, depois de cantar. Lemos *David Copperfield* 42 vezes, porque era o predileto de vovô, e êle lia alto melhor do que nós duas.

Foram noites deliciosas aquelas passadas na pequena e acolhedora cozinha. Se um duende galês pudesse realizar um só de meus desejos, pedir-lhe-ia uma garrafa cheinha de vozes daquela cozinha—o riso de vovó, o canto e a leitura de vovô, o fogo crepitando e sussurrando—uma garrafa transbordante dos cheiros dos dourados biscoitinhos de manteiga galeses que assavam no fogão de ferro, e o aroma de tomilho secando no consolo da lareira.

Ao que parecia, vovô nunca se zangava com ninguém, mas eu me lembro de havê-lo desapontado uma vez. O Sr. Dai Evans, mestre do câro, realizava audições para o Festival Nacional de Canto. As pessoas por êle escolhidas iriam cantar no Castelo de Cardiff. Eu queria tanto ir. Vinha exercitando-me havia meses. Tôdas as noites, depois do chá, vovô me ouvia, e à noite eu tinha longas conversas com Deus, suplicando-Lhe que fizesse o Sr. Evans me escolher para o papel infantil. Mas êle escolheu Blodwen Davis em vez de mim. Passei a detestar o Sr. Evans, a detestar Blodwen e a detestar Deus.

Vovô aplacou meus queixumes:

—Não se importe com isso, meu coração—disse êle.—Você tem uma voz muito bonita, não há dúvida, mas não tem potência. Uma cotovia só pode cantar o que tem dentro de si, e uma canção de ninar galesa é tão importante para Deus quanto o *Côro da Aleluia* de Handel.

Vovó falou então com vovô em galês sôbre a possibilidade de levar-me ao cinema. Era a pior forma de mimo, porque envolvia o Deus de vovó. Sendo batista fervorosa e muito ortodoxa, não aceitava cinemas; nem ela, nem o seu Deus. O seu Deus estava atrás do pastor, que todos os domingos nos ensinava a desviar os pés de tabernas e cinemas e fixá-los com firmeza dentro da igreja.

Mas vovô tinha algo de pagão e gostava de cinema. Seu Deus não era feito à semelhança do Reverendo Jenkins. E naquela noite fomos os dois ao cinema, vovô e eu. Êle comprou-me umas balas para chupar e para impedir-me de falar. Jeanette MacDonald estava representando em *Primavera*. Era uma história triste; eu tive um delicioso acesso de chôro e librei-me de tôdas as minhas lágrimas amargas.

Quando chegamos a casa, vovó arrependera-se de sua sugestão e estava cheia de remorsos. Ao que parece, justamente naquela noite o Reverendo Jenkins fizera um sermão empolgante na reunião antialcoólica da Liga da Esperança.

—Como é que vocês podem ouvir êsses americanos falarem depressa



daquele jeito, é que eu não entendo —disse vovó, piedosamente.

—Êles falam direitinho—replicou vovô.—Devo dizer que falam até muito bem. A linguagem dêles tem, aliás, muita vida, mas êles não sabem cantar. Mas aquela môça do filme, por exemplo, era uma verdadeira pintura. Os cabelos tinham a tonalidade castanha da noz, mas não sabia cantar nada. Parecia que estava com um osso de galinha atravessado na garganta.

—Bem feito—disse vovó.—O que não faltou foi bom canto na reunião de hoje à tarde, fique sabendo. Thomas Lewis cantou melhor do que nunca o “Estais Lavado no Sangue do Cordeiro?”

—Thom Lewis tem boa voz—reconheceu vovô—e ninguém aprecia mais o canto dêle do que eu; mas prefiro mil vêzes o canto americano à linguagem monótona de Deus, pelo Reverendo Jenkins. Deus que me perdoe, sem querer ofender.

—Isso é blasfêmia—segredou vovó.—É ainda por cima diante da criança. Não falta ocasião de ela ouvir essas coisas lá fora.

Eu me sentia preocupada com o rumo que a conversa ia tomando. Para começar, eu não gostava de ouvir meus avós discutirem. Depois, Robert Taylor ia aparecer no Palace, no filme *Magnífica Obsessão*. Mas a preocupação foi inútil. Vovô também queria ver o filme. Logo no domingo seguinte foi três vêzes à igreja, sem queixar-se. Em geral, só

ia uma vez. Vovó enrubesceu como uma menina, com o prazer da sua companhia. Eu me sentei entre êles e fiquei à espera de que vovô fizesse os comentários habituais, quando o Reverendo Jenkins começou a falar sôbre a nossa perversidade e a nossa indignidade. Êle vociferava e parecia agigantar-se diante da congregação, na sua busca do pecado. Mas vovô continuou sentado, sem pestanejar. A única coisa que disse, foi:

—Êste Reverendo Jenkins é ótimo nos sermões.

Quando chegamos a casa, vovó voava pela cozinha, cantarolando com a sua alegria habitual e dizendo quanto era agradável ter uma família decente, em que todos iam juntos à igreja.

—Agora eu posso encarar o pastor na Liga da Esperança, têrça-feira.

Vovô piscou para mim, por cima da borda da xícara. Depois, olhou para vovó com uma cara inocente como a de um santo e disse:

—Com sua licença, Tydvil, eu gostaria de levar Joyce ao cinema têrça-feira.

—Está muito bem—disse vovó, distraída.

E vovô estendeu a mão e apertou a minha por baixo da mesa. Outro filme—Robert Taylor em *Magnífica Obsessão*—outras balas, e Deus sabe quanta coisa mais.

E assim continuou minha vida, de mimo em mimo. Fui a criança mais mimada que já houve, e estou muito satisfeita com isso.